

*Abraham Lincoln*

---

**CAÇADOR DE VAMPIROS**



*Abraham Lincoln*

---

**CAÇADOR DE VAMPIROS**

**SETH GRAHAME-SMITH**

Tradução de Alexandre Barbosa de Souza



© 2010 por Seth Grahame-Smith

TÍTULO ORIGINAL

Abraham Lincoln: Vampire Hunter

CAPA

Elizabeth Connor

IMAGEM DE CAPA

© Reflexstock/Superstock RM

IMAGEM DE QUARTA CAPA

© Scott Nobles

PREPARAÇÃO

Anna Távora

REVISÃO

Jorge Fernando Barbosa

DIAGRAMAÇÃO

Editoriarte

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G769a

Grahame-Smith, Seth

Abraham Lincoln : caçador de vampiros / Seth Grahame-Smith ;  
tradução de Alexandre Barbosa de Souza. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2010.  
328p.

Tradução de: Abraham Lincoln : Vampire Hunter  
ISBN 978-85-8057-007-6

1. Lincoln, Abraham, 1809-1865 - Ficção. 2. Vampiros - Ficção. 3. Ficção americana.  
I. Souza, Alexandre Barbosa de. II. Título.

10-6095.

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

[2010]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

*Para Erin e Joshua*



# Sumário

<i>Introdução</i>	13
PARTE I	
Menino	
1. Criança excepcional	27
2. Duas histórias	46
3. Henry	67
4. Uma verdade terrível demais	95
PARTE II	
Caçador de vampiros	
5. Nova Salem	121
6. Ann	143
7. O primeiro e fatal	166
8. “Uma grande calamidade”	190
9. Enfim, a paz	211
PARTE III	
Presidente	
10. Uma casa dividida	231
11. Baixas	262
12. “Morram de fome, demônios”	286
13. Sempre assim com os tiranos	306
14. Lar	325
<i>Agradecimentos</i>	333





As fronteiras entre a Vida e a Morte são sempre  
vagas e sombrias. Quem dirá onde  
termina uma e começa a outra?

— *Edgar Allan Poe*



## FATOS

1. Por mais de 250 anos, entre 1607 e 1865, os vampiros floresceram nas sombras da América. Raros eram os humanos que acreditavam neles.
2. Abraham Lincoln, que foi um talentoso caçador de vampiros de seu tempo, manteve um diário secreto sobre uma vida inteira dedicada a combatê-los.
3. Durante muito tempo, rumores a respeito da existência desse diário foram um dos temas prediletos dos historiadores e biógrafos de Lincoln. A maioria deles considera tudo isso um mito.



# Introdução

---

Não posso falar das coisas que vi nem buscar consolo para a dor que sinto. Se o fizesse, este país cairia em uma espécie mais profunda de insanidade ou pensaria que seu presidente é um louco. A verdade, receio, deve sobreviver como papel e tinta. Oculta e esquecida até que todos os homens aqui citados tenham virado pó.

— *Abraham Lincoln, em seu diário*  
*3 de dezembro de 1863*

## I

Eu ainda estava sangrando... com as mãos trêmulas. Até onde eu sabia, ele ainda estava ali — observando-me. Em algum lugar, atravessando um vasto abismo no espaço, havia uma televisão ligada. Um homem falava sobre união. Nada disso tinha importância.

Os livros dispostos à minha frente eram as únicas coisas que contavam agora. Dez volumes de diversos tamanhos encadernados em couro — cada um de um tom diferente de preto ou marrom. Alguns, apenas velhos e gastos. Outros, caindo aos pedaços, com suas capas rasgadas e páginas que davam a impressão de que se esfarelariam se fossem viradas por algo mais forte do que um sopro. Ao lado deles, havia um maço de cartas bem amarradas por um elástico vermelho. Algumas folhas tinham as bordas chamuscadas. Outras, amareladas como os filtros de cigarro jogados no piso do porão lá embaixo. A única coisa que se destacava entre essas relíquias era uma folha de papel muito mais branco.

## *Introdução*

De um lado, os nomes de onze pessoas que eu não conhecia. Nenhum telefone. Nem e-mail. Apenas o endereço de nove homens e duas mulheres... e um recado rabiscado ao pé da página:

### **Aguardando você.**

Em algum lugar aquele homem continuava falando. Colonos... esperança... Selma.

O livro em minhas mãos era o menor dos dez e, seguramente, o mais frágil. Sua capa de um marrom esmaecido havia sido arranhada, manchada e muito manuseada. A fivela de latão que um dia guardara seus segredos em segurança fora rompida havia muito tempo. Dentro, cada centímetro quadrado de papel estava coberto de tinta — alguns deles com a tinta tão negra quanto estava no dia em que secara; outros trechos, tão apagados que eu mal conseguia ler. No total, havia 118 folhas escritas na frente e no verso, à mão, presas na lombada. Estavam repletas de anseios privados; teorias; estratégias; rudes esboços de homens com rostos estranhos. Repletas de histórias ouvidas e listas detalhadas. Ao longo da leitura, fui percebendo a transformação da caligrafia do autor, de uma escrita cuidadosa de criança aos rabiscos compactos de um rapaz.

Terminei de ler a última página, olhei para trás para me certificar de que estava sozinho e voltei para a primeira. Eu precisava ler de novo. Imediatamente, antes que a razão soltasse seus cachorros e espantasse as perigosas ideias que começavam a se formar em minha cabeça.

O livrinho começava com essas sete palavras absurdas e fascinantes:

### ***Este é o diário de Abraham Lincoln.***

---

Rhinebeck é uma dessas cidades do norte do estado que o tempo esqueceu. Uma cidade onde lojas de famílias e rostos familiares se enfileiram pelas ruas, e onde o mais antigo hotel da América (ali, como qualquer morador orgulhosamente confirmará, o general Washington, em pessoa, um dia deitou sua cabeça sem peruca) ainda oferece conforto a preços módicos. Trata-se de uma cidade em que as pessoas ainda dão de presente colchas feitas em casa e usam fornos

## Introdução

à lenha para aquecer suas casas; e onde eu já vi, mais de uma vez, uma torta de maçã esfriando na janela. O lugar parece um globo de neve de brinquedo.

Como quase tudo em Rhinebeck, o mercadinho na East Market Street é um pedaço vivo de um passado moribundo. Desde 1946, os moradores vêm dependendo dele para tudo, de cronômetros para cozinhar ovos a fitas adesivas para bainha, de lápis a presentes de Natal. *Se a gente não tem, você não precisa*, diz a placa manchada de sol da vitrine. *E se você precisar muito, nós aceitamos encomendas*. Do lado de dentro, entre o linóleo xadrez e as desagradáveis luzes fluorescentes, você pode encontrar toda a variedade de produtos, organizados em caixas. Os preços escritos com lápis de cera. Cartões de débito aceitos com resmungos. Ali era minha casa, das 8h30 da manhã às 5h30 da tarde. Seis dias por semana. Toda semana.

Sempre soube que acabaria na loja depois de formado, como eu havia feito todos os verões desde os 15 anos. Eu não era da família, a rigor, mas Jan e Al sempre me trataram como um de seus filhos — arranjando-me um emprego quando eu mais precisei, dando-me alguns trocados enquanto eu ainda estava na escola. No meu entender, eu lhes devia seis meses inteiros, de junho até o Natal. Esse era o plano. Seis meses trabalhando na loja de dia, e no meu romance à noite e nos fins de semana. Era tempo suficiente para terminar a primeira versão e dar-lhe uma boa polida. Manhattan ficava a uma hora e meia de trem, e era para lá que eu iria quando terminasse, com 1,5 ou 2 quilos de material escrito, mas não solicitado, em provas de revisão, debaixo do braço. Adeus, vale do Hudson. Alô, circuito de palestras.

Nove anos depois, eu ainda estava na loja.

Em algum ponto entre me casar, sobreviver a um acidente de carro, ter um filho, abandonar meu romance, começar e largar meia dúzia de outros, ter outro filho e tentar sobreviver às contas, algo completamente inesperado e depressivamente típico aconteceu: parei de tentar escrever e comecei a tentar me importar mais com todo o resto: As crianças. O casamento. A hipoteca da casa. A loja. Passei a me irritar quando via as pessoas indo fazer compras na farmácia do fim da rua. Comprei um computador para ajudar a manter o controle do estoque. Basicamente, comecei a procurar novas formas de atrair pessoas para a loja. Quando a loja de livros usados em Red Hook fechou, comprei parte do estoque deles e coloquei uma prateleira de locação de livros nos fundos. Rifas. Liquidações. Wi-Fi. Qualquer coisa para

## Introdução

fazer as pessoas entrarem por aquela porta. Todo ano eu experimentava uma coisa nova. E todo ano a gente mal conseguia pagar as contas.

Mais ou menos um ano depois que Henry\* começou a vir é que começamos a conversar. Trocávamos as cordialidades de costume; nada além de um “Volte sempre”, “Até a próxima”. Eu só sabia seu nome por ter ouvido alguém falar no burburinho da Market Street. A história era que ele havia comprado uma das maiores casas na Route 9G e tinha um exército de faz-tudo da região ajeitando as coisas para ele. Henry era um pouco mais jovem do que eu — talvez uns 27 anos, tinha um cabelo castanho desgrenhado, estava sempre bronzeado e usava óculos escuros diferentes para cada ocasião. Dava para ver que era rico. Suas roupas eram provas gritantes disso: camisetas *vintage*, paletós de lã, jeans que custavam mais caro que o meu carro. Mas ele não era como os outros ricos que apareciam na loja. Os babacas de fim de semana, que gostavam de dizer o quanto nossa cidade era bonitinha e como nossa loja era uma gracinha, passando pela nossa placa de *Proibido Entrar com Alimentos ou Bebidas* segurando seus imensos copos de café com aroma de avelã e jamais gastando um tostão. Henry era gentil. Calado. E o melhor de tudo, ele nunca ia embora sem deixar pelo menos cinquenta pratas — a maior parte em refugos que hoje em dia são encontrados em casas especializadas — sabonetes Lifebuoy, latas de graxa Angelus para sapato. Ele entrava, pagava em dinheiro e ia embora. *Volte sempre. Até a próxima.* Até que um dia, no outono de 2007, tirei os olhos do meu caderno de espiral e lá estava ele. De pé, do outro lado do balcão, olhando para mim como se eu tivesse acabado de dizer algo asqueroso.

— Por que você parou?

— Eu... como?

Henry apontou para o caderno à minha frente. Eu sempre deixava um caderno ao lado do caixa, para o caso de alguma ideia brilhante ou alguma observação me ocorrer (o que nunca acontecia, mas, sabe como é, devemos acreditar sempre). Nas últimas quatro horas, eu enchera meia página com ideias de

---

\* Não era esse o nome que ele usava na época. Por uma questão de coerência, vou me referir a ele por seu nome *verdadeiro* ao longo de todo o livro, inclusive aqui.



## Introdução

apenas uma linha para futuros contos, que nunca chegavam à segunda linha. A metade de baixo da página havia se transformado numa garatuja de um homenzinho mostrando o dedo médio a uma gigantesca e irritadiça águia com garras afiadas. Embaixo, a legenda: *Arremedo de pássaro assassino*. Tristemente, esta havia sido a melhor ideia que eu tivera em semanas.

— O que você estava escrevendo. Fiquei curioso para saber por que você parou.

Agora era eu que estava olhando para ele. Não sei bem por que, subitamente fui tomado pela imagem de um homem com uma lanterna — vasculhando as prateleiras cheias de teias de aranha de um armazém escuro. Não era uma ideia agradável.

— Desculpe, mas eu não...

— Entendi não. Não, eu é que peço desculpas. Foi uma indelicadeza minha interrompê-lo.

Jesus... agora era eu que deveria pedir desculpas pelas desculpas dele.

— Imagine. É que eu... por que você acha que...

— Você parecia uma pessoa que escreve.

Ele apontou para a estante de aluguel de livros.

— Obviamente você gosta de livros. Eu vejo você escrevendo aqui às vezes... Achei que fosse uma aspiração sua. Só fiquei curioso para saber por que você não continuou.

Era razoável. Um tanto pomposo (o quê? só porque eu trabalho num mercadinho não estou correndo atrás das minhas aspirações?), mas razoável o bastante para arejar o ambiente de novo. Dei-lhe a resposta sincera — e depressivamente típica — de que “a vida é o que acontece enquanto você está ocupado fazendo outros planos”. O que levou a uma discussão sobre John Lennon, o que levou a uma discussão sobre os Beatles, o que levou a uma discussão sobre Yoko Ono, o que não levou a mais nada. Conversamos. Perguntei o que ele estava achando da região. Como estava ficando a casa. Que tipo de trabalho ele fazia. Ele respondeu satisfatoriamente as três perguntas. Mas mesmo assim — mesmo estando ali conversando educadamente, apenas dois caras jovens jogando conversa fora — não pude evitar a sensação de que não era eu ali. Era uma conversa da qual eu não estava participando. Senti as perguntas de Henry se tornando cada vez mais pessoais. Senti que minhas respostas foram no mesmo caminho. Ele perguntou sobre minha mulher. Meus filhos. Sobre o que eu

## Introdução

escrevia. Perguntou sobre meus pais. Minhas frustrações. E eu respondi tudo. Mesmo sabendo que era estranho. Nem me importei. Eu quis contar. Àquele sujeito novo, rico, de cabelo desgrenhado, jeans e óculos escuros caríssimos. Alguém cujos olhos eu nunca tinha visto. Que eu mal conhecia. Quis contar tudo a ele. As coisas foram saindo, como se ele houvesse tirado uma pedra enfiada em minha boca havia anos — uma pedra que mantivera todos os meus segredos represados. A morte de minha mãe quando eu era pequeno. Os problemas com meu pai. A fuga de casa. As coisas que eu escrevia. Minhas dúvidas. A enervante certeza de que a vida não era só aquilo ali. Nossos problemas financeiros. Das vezes em que pensei em largar tudo e fugir. Das vezes em que pensei em me matar.

Mal me lembro de ter dito metade dessas coisas. Talvez eu nem tenha dito.

A certa altura, pedi a Henry que lesse meu romance inacabado. Fiquei pasmo só de pensar nele ou em qualquer pessoa lendo aquilo. Fiquei pasmo até mesmo com a ideia de eu ler aquilo. Mas pedi a ele mesmo assim.

— Não é necessário — respondeu ele.

Tinha sido (até esse ponto) a conversa mais estranha da minha vida. Quando Henry pediu licença e foi embora, senti como se tivesse corrido uns 15 quilômetros a toda velocidade.

Nunca mais foi assim. Da outra vez que ele entrou na loja, trocamos as cordialidades de sempre; nada além. *Volte sempre. Até a próxima.* Ele comprou seu sabonete e sua graxa de sapato. Pagou em dinheiro. E continuou assim. Ele passou a vir cada vez menos.

Quando Henry veio pela última vez, em janeiro de 2008, ele trazia um pequeno pacote — embrulhado em papel pardo e amarrado com um barbante. Sem dizer uma palavra, deixou-o junto ao caixa. Sua blusa cinza e o cachecol cor de vinho estavam salpicados de neve, e seus óculos escuros tinham gotículas de água. Nem se deu o trabalho de tirá-los, o que não me surpreendeu. Havia, sobre o pacote, um envelope branco com meu nome escrito — a tinta havia se misturado com a neve derretida e começara a borrar.

Alcancei, sob o balcão, a pequena televisão que eu deixava ali para ver os jogos dos Yankees e retirei o som. A TV estava ligada no noticiário. Era o dia das primárias em Iowa, e Barack Obama vinha disputando pau a pau com Hillary Clinton. Qualquer coisa para passar o tempo.

— Eu gostaria que você aceitasse isto aqui.

## *Introdução*

Por um momento, o fitei como se ele tivesse falado em norueguês.

— Espere, como assim? Isso é para mim? O que é...

— Desculpe, mas estou com um carro me esperando. Leia primeiro o bilhete. Eu entrarei em contato.

E foi isso. Fiquei olhando enquanto ele saía porta afora, em plena friagem, e me perguntei se ele nunca deixava a outra pessoa terminar a frase ou se aquilo seria só comigo.

## II

O pacote ficou embaixo do balcão até o fim do dia. Eu estava louco de vontade de abri-lo, mas como não fazia ideia de quem seria aquele sujeito, não estava disposto a arriscar desembulhar uma boneca inflável ou um quilo de heroína no instante em que uma bandeirante resolvesse entrar na loja. Deixei minha curiosidade arder até que as ruas estivessem escuras e a senhora Kallop finalmente se decidiu pelo carretel verde mais escuro (após excruciantes noventa minutos de discussão), então tranquei as portas alguns minutos mais cedo. Danem-se os mendigos hoje à noite. O Natal havia passado e, afinal, o movimento estava muito devagar. Além disso, todo mundo estava em casa assistindo à dramática disputa entre Obama e Hillary em Iowa. Resolvi fumar um cigarro escondido no porão antes de ir para casa e ver o resultado. Peguei o presente de Henry, apaguei as luzes frias e aumentei o volume da televisão. Se houvesse alguma notícia da eleição, eu ouviria lá de baixo.

Não havia muitas coisas no porão. Além de umas poucas caixas estocadas rente às paredes, aquele era basicamente um cômodo vazio com um asqueroso piso de cimento batido e uma única lâmpada de quarenta watts pendendo do teto. Havia uma velha escrivaninha de metal encostada a uma das paredes com o computador do estoque em cima, um arquivo com duas gavetas, nas quais guardávamos alguns documentos, e duas cadeiras dobráveis. Um aquecedor de água. Uma caixa de força. Duas janelinhas que davam para o beco lá em cima. Mais do que tudo, era ali onde eu fumava no auge do inverno. Puxei uma cadeira até a escrivaninha, acendi o cigarro e comecei a desatar o barbante daquele bem-embrulhado...

*A carta.*

## Introdução

O pensamento me ocorreu num sobressalto naquele momento, como uma daquelas ideias brilhantes ou observações pelas quais eu sempre mantinha o caderno à mão. Eu devia primeiro ler a carta. Achei meu chaveiro com canivete suíço no bolso da calça (7,20 dólares mais impostos — mais barato do que você vai achar em qualquer lugar de Dutchess County, eu garanto) e abri o envelope com um único movimento do pulso. Dentro havia um papel muito branco dobrado ao meio, com uma lista de nomes e endereços datilografados de um dos lados. Do outro, um aviso manuscrito.

Existem algumas condições com as quais devo pedir que você concorde antes de abrir este pacote:

Primeiro, entenda que isto não é um presente, mas um empréstimo. Quando me for conveniente, pedirei que você me devolva estes itens. Quanto a isso, preciso que você jure solenemente que irá protegê-los a qualquer custo e tratá-los com o mesmo cuidado e respeito que você tem para com qualquer coisa de extremo valor.

Segundo, o conteúdo deste pacote é de natureza extremamente delicada. Devo pedir que você não o compartilhe ou comente com quem quer que seja além de mim e dos onze indivíduos listados no verso até que receba minha permissão para fazê-lo.

Terceiro, estes itens lhe estão sendo emprestados na expectativa de que você escreva sobre eles algo de, digamos, extensão substancial... e sujeito à minha aprovação. Você poderá levar o tempo que for preciso. Depois de completar satisfatoriamente o seu texto, você será bem-recompensado.

Se você não puder cumprir qualquer uma dessas condições por algum motivo, por favor, pare agora e espere meu contato. No entanto, se você concordar, então pode seguir em frente.

Creio que seu propósito é fazê-lo.

— H

Merda, bem... não tinha como eu não abrir *agora*.

## Introdução

Rasguei o papel, revelando um maço de cartas bem-amarradas por um elástico vermelho e dez livros encadernados em couro. Abri o livro do topo da pilha. Ao fazê-lo, um cacho de cabelos loiros caiu sobre a escrivadinha. Peguei-o, analisei-o e fiquei torcendo-o entre os dedos enquanto lia ao acaso um trecho da página onde a madeixa estivera comprimida:

... quem me dera desaparecer da face da terra, pois não existe mais nenhum amor por aqui. Ela foi tirada de mim, e com ela, toda a minha esperança de...

Espiei o restante do primeiro livro, fascinado. Lá em cima, uma mulher lia uma lista de nomes de condados. Páginas e páginas — cada centímetro preenchido com uma caligrafia bem apertada. Com datas como 6 de novembro de 1835; 3 de junho de 1841. Com desenhos e listas. Com nomes como Speed, Berry e Salem. Com uma palavra que aparecia a todo instante:

### Vampiro.

Os outros livros eram a mesma coisa. Mudavam apenas as datas e a caligrafia. Dei uma olhada em todos.

... lá que eu vi, pela primeira vez, homens e crianças vendidos... precauções, pois sabíamos que Baltimore estava cheia de... era um pecado que eu não podia perdoar. Fui forçado a rebaixar o...

Duas coisas estavam evidentes: tudo aquilo fora escrito pela mesma pessoa, e era tudo muito, mas muito velho. Além disso, eu não fazia ideia do que era aquilo tudo nem do que teria feito Henry me emprestar aquele material. E então deparei com a primeira página do primeiro livro, e aquelas sete palavras absurdas: *Este é o diário de Abraham Lincoln*. Soltei uma risada alta.

Tudo fez sentido. Fiquei estupefato. Completamente de queixo caído. Não por ter em mãos os diários há muito perdidos do Grande Emancipador, mas por ter julgado tão equivocadamente uma pessoa. Eu havia achado que

## Introdução

a tranquilidade de Henry era por ele ser um sujeito recluso. Havia achado que seu súbito interesse pela minha vida era por ele ser sociável. Mas agora estava evidente. O sujeito era claramente maluco. Isso, ou estava de brincadeira comigo. Algum tipo de brincadeira que os ricos com tempo de sobra costumam fazer. Mas não devia ser uma brincadeira, não é? Quem se daria a tanto trabalho? Ou seria? Seria aquilo um romance inacabado do *próprio* Henry? Um projeto de livro numa embalagem sofisticada? Agora eu me sentia péssimo. Sim. Sim, claro que era isso. Folhiei novamente os livros, esperando encontrar algumas pistas da presença do século XX. Não havia nenhuma — pelo menos que eu tivesse encontrado à primeira vista. Além disso, uma coisa me intrigava: se aquilo era um projeto de livro de gozação, por que todos aqueles onze nomes e endereços? Por que Henry me pedia para escrever sobre os livros em vez de me pedir para reescrevê-los? A agulha começou a apontar para maluco outra vez. Seria possível? Será que ele realmente acreditava que aqueles dez livrinhos eram... não, ele não podia acreditar nisso. Certo?

Eu mal podia esperar para contar à minha mulher. Mal podia esperar para compartilhar aquela pura insanidade com mais alguém. Na longa fila de malucos do interior, aquele cara ficava com o troféu. Levantei-me, reuni todos os livros e cartas, joguei meu cigarro no chão, esmaguei o com o pé e me virei para...

Havia alguma coisa parada a dez centímetros de mim.

Recuei e tropecei na cadeira, caindo e batendo a cabeça na quina da escrivaninha. Meus olhos ficaram desfocados. Já podia sentir o calor do sangue se esvaindo entre meus cabelos. Alguma coisa se inclinou sobre mim. Seus olhos eram um par de bolas de gude negras. Sua pele, uma translúcida colagem de pulsantes veias azuis. E sua boca — sua boca mal podia conter as úmidas e vítreas presas.

Era Henry.

— Não vou machucá-lo — disse ele. — Só preciso fazê-lo entender.

Ele me ergueu do chão pelo colarinho. Senti o sangue escorrer pela minha nuca.

Desmaiei.

*Volte sempre. Até a próxima.*

### III

Fui instruído a não entrar em detalhes sobre o local para onde Henry me levou aquela noite, nem sobre o que ele me mostrou. Basta dizer que me deixou fisicamente mal. Não por nenhum horror que eu tenha presenciado, mas pela culpa que senti pelo fato de ter sido eu a diversão deles, voluntariamente ou não.

Fiquei com ele menos de uma hora. Nesse breve período, minha compreensão do mundo foi abalada em suas fundações. Tudo o que eu pensava sobre a morte, sobre o espaço, sobre Deus... tudo se transformou irrevogavelmente. Nesse breve período, passei a acreditar — em termos bastante seguros — em algo que me teria soado insano uma hora antes:

Vampiros existem.

Não dormi por uma semana — primeiro, de pavor; depois, de excitação. Ficava até tarde na loja todas as noites, debruçado sobre os livros e as cartas de Abraham Lincoln. Verificando as incríveis alegações contrárias aos “fatos” decantados pelas biografias de Lincoln. Cobri as paredes do porão com cópias e velhas fotografias. Linhas do tempo. Árvores genealógicas. Escrevia até o amanhecer.

Nos primeiros dois meses, minha mulher ficou preocupada. Nos dois meses seguintes, ficou desconfiada. No sexto mês, nos separamos. Temi pela minha segurança. Dos meus filhos. Pela minha sanidade. Eu tinha muitas perguntas, mas Henry não apareceu mais. Por fim, tomei coragem de entrevistar os onze “indivíduos” da lista dele. Alguns foram meramente relutantes. Outros, hostis. Mas com a ajuda deles (mesmo que sob resmungos), lentamente comecei a costurar a história oculta dos vampiros dos Estados Unidos. Seu papel no nascimento no crescimento, e na iminência de morte de nosso país. E do único homem que salvou esse país da tirania deles.

Ao longo de 17 meses, sacrifiquei tudo em nome daqueles dez livros encadernados em couro. Aquele maço de cartas bem preso por um elástico vermelho. De certa forma, foram os melhores meses de minha vida. Toda manhã eu acordava no colchão inflável do porão da loja com um propósito. Sabendo que fazia algo verdadeiramente importante, mesmo que estivesse completa e desesperadamente sozinho. Mesmo que eu viesse a enlouquecer.

Vampiros existem. E Abraham Lincoln foi um dos maiores caçadores de vampiros de seu tempo. Seu diário — que ele começou aos 12 anos e continuou

## *Introdução*

até o dia de seu assassinato — é um documento ao mesmo tempo chocante, comovente e revolucionário. Um documento que lança luzes sobre diversos acontecimentos seminais da história norte-americana e agrega imensa complexidade à figura de um homem já considerado complexo como poucos.

Existem mais de 15 mil livros sobre Lincoln. Sua infância. Sua saúde mental. Sua sexualidade. Suas opiniões sobre raça, religião e disputas judiciais. A maioria contém um bocado de verdade. Alguns sugerem a existência de um “diário secreto” e “uma obsessão pelo oculto”. Contudo, nenhum deles contém uma única palavra sobre a luta central de sua vida. Uma luta que acabaria desaguando nos campos de batalha da Guerra Civil.

A verdade é que o imponente mito de Abraham, o Honesto, arraigado nas lembranças de nossos primeiros dias na escola, é essencialmente falso. Nada além de uma colcha de retalhos de meias verdades e omissões.

O que vem a seguir quase arruinou minha vida.

O que vem a seguir, enfim, é a verdade.

— *Seth Grahame-Smith*  
*Rhinebeck, Nova York*  
*Janeiro de 2010*



— PART E I —

# MENINO



UM

---

## Criança excepcional

Neste mundo infeliz, todos experimentam a tristeza; e, para os jovens, essa experiência se mescla à mais amarga agonia, por pegá-los desprevenidos.

— *Abraham Lincoln, em carta a Fanny McCulloch*  
23 de dezembro de 1862

### I

O menino estava agachado fazia tanto tempo que suas pernas haviam ficado dormentes — ele, no entanto, não ousava se mexer agora. Pois ali, numa pequena clareira da floresta congelada, havia criaturas que ele há muito esperava ver. Criaturas que ele havia sido enviado para matar. Mordeu o braço para evitar que seus dentes batessem e fez pontaria com o rifle de pederneira de seu pai exatamente como lhe haviam ensinado. *No corpo*, lembrou-se ele. *No corpo, não no pescoço*. Tranquilamente, com cuidado, ele puxou o cão para trás e apontou o cano para o alvo, um macho imenso que ficara para trás do bando. Décadas depois, o menino se lembraria do que aconteceu em seguida:

Eu hesitei. Não por um conflito de consciência, mas por medo que meu rifle estivesse muito molhado, e assim não fosse disparar. No entanto, esse medo se provou infundado, pois quando puxei o gatilho, a coronha bateu com um tranco tão forte em meu ombro que eu caí de costas.

## MENINO

Os perus se espalharam em todas as direções enquanto Abraham Lincoln, aos 7 anos, levantou-se do chão coberto de neve. Pondo-se em pé, ele levou os dedos até o estranho calor que sentiu no queixo. “Eu mordi o lábio”, escreveu ele. “Mas não cheguei a gritar. Estava desesperado para saber se havia acertado o pobre-diabo ou não.”

Ele acertara. O macho imenso batia atabalhoadamente as asas, tentando se erguer através da neve em pequenos círculos. Abe observou a distância, “receando que ele pudesse conseguir se levantar e me fazer em pedaços”. O bater de asas; o arrastar das penas pela neve. Eram os únicos sons do mundo. Aliados ao som dos pés de Abe, que tomou coragem e se aproximou. As asas batiam com menos força agora.

Estava morrendo.

Ele havia acertado bem no pescoço. A cabeça pendia num ângulo pouco natural — arrastada pelo chão enquanto o pássaro continuava a se remexer. *No corpo, não no pescoço.* A cada batida do coração, o sangue brotava da ferida e caía na neve, onde se mesclava às gotas escuras sangrando do lábio mordido de Abe e às lágrimas que já começavam a escorrer por seu rosto.

Ele arfava em busca de ar, mas não conseguia, e seus olhos exibiam uma espécie de medo que eu nunca vira antes. Fiquei de pé sobre o miserável pássaro durante o que me pareceu um ano, implorando a Deus que apaziguasse suas asas. Suplicando por Seu perdão por ter prejudicado uma criatura que não me fizera mal algum; nem representava nenhuma ameaça à minha pessoa ou à minha prosperidade. Por fim ele parou, e, tomando coragem, arrastei-o por mais de um quilômetro de floresta e depusitei-o aos pés de minha mãe — minha cabeça baixa de modo a esconder as lágrimas.

Abraham Lincoln jamais ceifaria outra vida. E, no entanto, se tornaria um dos maiores assassinos do século XIX.

O menino choroso não pregou o olho aquela noite. “Só conseguia pensar na injustiça que fizera para com outra criatura vivente e no medo que vira em seus olhos enquanto a promessa de vida se esvaía.” Abe se recusou a comer aquilo que havia matado e alimentou-se praticamente só de pão, enquanto a

mãe, o pai e a irmã mais velha deixaram a carcaça limpa nas duas semanas seguintes. Não existem registros da reação deles a essa greve de fome, mas deve ter sido vista como uma excentricidade. Afinal, passar voluntariamente sem comida, como uma questão de princípio, era uma opção notável para qualquer pessoa naquela época — especialmente para um menino que havia nascido e fora criado na fronteira norte-americana.

Mas, enfim, Abe Lincoln sempre fora diferente.

A América ainda vivia sua infância quando o futuro presidente nasceu, no dia 12 de fevereiro de 1809 — meros trinta anos após a assinatura da Declaração de Independência. Muitos dos gigantes da Revolução Americana — Robert Treat Paine, Benjamin Rush e Samuel Chase — ainda estavam vivos. John Adams e Thomas Jefferson só retomariam sua tumultuada amizade dali a três anos, e só viriam a morrer 17 anos depois — incrivelmente, no mesmo dia. Quatro de julho.

Essas primeiras décadas norte-americanas foram tempos de crescimento e oportunidades aparentemente ilimitados. Na época em que Abe Lincoln nasceu, os moradores de Boston e de Filadélfia haviam visto suas cidades duplicarem de tamanho em menos de vinte anos. A população de Nova York triplicara durante o mesmo período. As cidades estavam se tornando mais agitadas, mais prósperas. “Para cada sitiante, há dois comerciantes de miudezas; para cada ferreiro, um teatro de ópera”, brincava Washington Irving em seu jornal nova-iorquino, o *Salmagundi*.

Porém, conforme as cidades se tornavam mais populosas, tornavam-se também mais perigosas. Como seus equivalentes em Londres, Paris e Roma, os norte-americanos urbanos passaram a contar com um certo índice de crimes. Roubos eram de longe as ofensas mais comuns. Sem os arquivos de impressões digitais que temer, os ladrões tinham como limites apenas a própria consciência e a própria astúcia. Os assaltos quase não apareciam mencionados nos jornais locais, a não ser que a vítima fosse uma pessoa importante.

Existe uma história sobre uma viúva idosa chamada Agnes Pendel Brown, que vivia sozinha com seu antigo mordomo (quase tão idoso quanto ela e surdo como uma porta) em uma mansão de três andares na Amsterdam Avenue. Na noite 2 de dezembro de 1799, Agnes e seu mordomo haviam se recolhido aos seus aposentos — ele no primeiro andar; ela no terceiro. Quando acordaram na manhã seguinte, toda a mobília, todas as obras de arte, cada vestido, peça

## MENINO

de louça e candelabro (incluindo as velas) haviam sumido. As únicas coisas que os gatinhos de mãos leves haviam deixado eram as camas em que Agnes e seu mordomo dormiam.

Havia também um ou outro assassinato. Antes da Guerra da Revolução, os homicídios eram extraordinariamente raros nas cidades norte-americanas (é impossível fornecer números precisos, mas uma pesquisa em três jornais de Boston entre 1775 e 1780 menciona um total de apenas 11 casos, dez dos quais foram prontamente solucionados). A maioria desses casos eram os chamados assassinatos por honra, como duelos ou querelas familiares. Na maior parte deles, nenhuma pena era aplicada. As leis do início do século XIX eram vagas e, sem que se pudesse falar então em efetivos regulares de força policial, difusamente observadas. Vale mencionar que matar um escravo não era considerado assassinato, independentemente das circunstâncias. Tratava-se de mera “destruição de propriedade”.

Imediatamente depois que conquistou sua independência, algo estranho começou a acontecer nos Estados Unidos. O índice de assassinatos nas cidades começou a crescer drasticamente, quase da noite para o dia. Diferentemente dos assassinatos por honra dos anos anteriores, esses assassinatos pareciam aleatórios; sem sentido. Entre 1802 e 1807, houve o inacreditável número de 204 homicídios sem solução apenas na cidade de Nova York. Homicídios sem testemunhas, sem motivo e, muitas vezes, sem uma *causa mortis* definida. Como os investigadores (muitos dos quais eram voluntários sem treinamento algum) não faziam registros dos casos, as únicas pistas sobreviventes nos chegaram a partir de um punhado de apagados artigos de jornal. Um deles, em particular, do *New York Spectator*, captou o pânico que tomara conta da cidade em julho de 1806.

Um certo senhor Stokes, morador do número 210 da Tenth Street, encontrou a pobre vítima, uma mulher mulata, enquanto fazia sua caminhada matinal. O cavalheiro observou que os olhos dela estavam arregalados e seu corpo, deveras enrijecido, como se houvesse secado ao sol. Um policial chamado McLeay informou-me de que não foi encontrado sangue nas imediações da pobre alma nem em suas roupas, e que a única ferida era uma discreta escoriação no pulso. Esta é a quadragésima segunda vítima a ter semelhante fim este ano. O prefeito, o honorável Dewitt Clinton, respeitosamente aconselha os cidadãos de bem

## *Criança excepcional*

a intensificar a vigilância até que o patife responsável seja capturado. Mulheres e crianças devem caminhar sempre na companhia de um cavaleiro, e os cavaleiros deverão caminhar em duplas depois do anoitecer.

A cena era misteriosamente semelhante a uma dúzia de outras relatadas naquele verão. Sem trauma. Sem sangue. Olhos arregalados e corpo rígido. O rosto, uma máscara de terror. Um padrão surgiu entre as vítimas: eram todos negros livres, vagabundos, prostitutas, viajantes e deficientes mentais — pessoas com pouco ou nenhum vínculo com a cidade, sem família, e cujas mortes dificilmente despertariam a ira das massas em busca de justiça. E Nova York não era única cidade com esses problemas. Artigos semelhantes enchiam as páginas dos jornais de Boston e da Filadélfia naquele verão, e rumores similares enchiam as bocas dessas populações em pânico. Falava-se de loucos sombrios. De espões estrangeiros.

Falava-se até em vampiros.

## II

Sinking Springs Farm ficava tão longe de Nova York quanto era possível nos Estados Unidos do início do século XIX. Apesar do nome sugerir uma fazenda com uma fonte de água, a propriedade de 300 acres era basicamente coberta de florestas — e o terreno, cheio de pedras típico do leste do Kentucky, tornava as perspectivas de boas colheitas, na melhor das hipóteses, improváveis. Thomas Lincoln, aos 31 anos de idade, havia comprado a terra com uma nota promissória de 200 dólares um mês antes de Abe nascer. Carpinteiro de profissão, Thomas rapidamente construiu uma cabana de um único cômodo em sua nova propriedade. Media cerca de 5,5 metros por 6 metros e tinha um chão de terra batida que era frio o ano inteiro. Quando chovia, a água pingava através do telhado enchendo baldes. Quando o vento uivava, a ventania abria caminho em meio às inúmeras rachaduras nas paredes. Foi nessas circunstâncias humildes, numa estranhamente amena manhã de domingo, que o décimo sexto presidente dos Estados Unidos veio ao mundo. Dizem que ele não chorou ao nascer, mas apenas encarou sua mãe, inquisitivamente, e depois sorriu para ela.

## MENINO

Abe não se lembraria de Sinking Springs. Quando ele tinha 2 anos, houve uma disputa sobre a posse da terra, então Thomas mudou-se com a família para menos de vinte quilômetros ao norte dali, para a menor e mais fértil Knob Creek Farm. Apesar do solo muito mais propício, Thomas — que poderia ter conseguido uma vida melhor vendendo milho e grãos para os sitiantes vizinhos — cultivou menos de um acre de terra.

Ele era um homem analfabeto, indolente, que só aprendeu a assinar o próprio nome depois de instruído por minha mãe. Não tinha uma gota de ambição dentro de si... nem o mínimo interesse em melhorar de vida, nem em proporcionar à sua família mais do que o mínimo necessário. Ele nunca plantou uma única fileira a mais do que o necessário para evitar que tivéssemos a barriga doendo de fome, nem tentou ganhar uma moeda além do que precisava para cobrir nossos corpos com as roupas mais simples.

Era uma avaliação excessivamente dura, escrita por um Abe de 41 anos no dia do enterro de seu pai (ao qual ele preferira não comparecer —, e pelo que talvez sentisse uma pontada de remorso). Enquanto ninguém jamais poderia acusar Thomas Lincoln de ser “ambicioso”, ele aparentemente fora um provedor confiável, se não generoso. O fato de nunca ter abandonado sua família em tempos de desesperadora dificuldade e tristeza, nem ter deixado a fronteira em busca dos confortos da vida urbana (como muitos de seus contemporâneos fizeram), depõe a favor de seu caráter. E mesmo não tendo sempre compreendido ou aprovado os interesses de seu filho, sempre os permitiu (afinal). Contudo, Abe jamais seria capaz de perdoá-lo pela tragédia que transformaria a vida dos dois.

Típica de seu tempo, a vida de Thomas Lincoln fora uma batalha contínua e uma tragédia frequente. Nascido em 1778, mudou-se da Virgínia para o Kentucky com seu pai, Abraham, e sua mãe, Bathsheba, quando ainda era uma criança. Aos 8 anos, Thomas viu o pai ser assassinado diante de seus olhos. Era primavera, e o velho Abraham andava ocupado lavrando a terra para ser semeada, “quando foi surpreendido por um grupo de selvagens shawnees”. Thomas ficou observando, impotente, enquanto seu pai recebia bordoadas até



a morte — sua garganta foi cortada e o escalpo, arrancado. O que teria motivado o ataque — se é que algo o motivou —, e por que sua própria vida fora poupada, ele não saberia dizer. Quaisquer que tenham sido os motivos, a vida nunca mais seria a mesma para Thomas Lincoln. Sem herança, foi deixado a vagar de cidade em cidade, dando duro em uma série infindável de estranhos afazeres. Aprendeu o ofício da carpintaria, serviu de guarda penitenciário e conduziu barcas pelos rios Mississippi e Sangamon. Derrubou árvores, lavrou campos e frequentou igrejas sempre que possível. Não há evidências de que um dia tenha posto os pés em uma escola.

Esta vida profundamente desprovida de notoriedade certamente teria escapado à atenção da história não houvesse Thomas se aventurado em Elizabethtown um dia quando tinha seus 28 e, por acaso, posto os olhos na jovem filha de um sitiante do Kentucky. O casamento, no dia 12 de junho de 1806, transformaria a história de um modo que nenhum dos dois jamais sonhara.

Ao que tudo indica, Nancy Hanks era uma mulher radiante, delicada e bonita, que possuía uma “notável” habilidade com as palavras (mas que raramente falava entre pessoas recém-conhecidas por conta de uma dolorosa timidez). Ela sabia ler e escrever, havendo desfrutado a educação formal que seu filho jamais receberia. Nancy era uma mulher talentosa e, embora os livros fossem artigos que dificilmente chegavam ao sertão do Kentucky, sempre conseguia ter pelo menos um volume emprestado ou pedido para aqueles raros momentos em que dava por encerradas as tarefas do dia. Começando quando ele era pouco mais que uma criança de colo, ela lia para Abe tudo o que lhe chegasse às mãos: o *Cândido*, de Voltaire, o *Robinson Crusóé*, de Defoe, poesia de Keats e Byron. Mas era a Bíblia que o pequeno Abraham amava acima de todos os outros livros. A garotinho atento sentava-se no colo da mãe, fascinado com as histórias fantásticas do Velho Testamento: Davi e Golias, a arca de Noé, as pragas do Egito. Ele adorava especialmente a história de Jó, o homem virtuoso de quem era tudo tirado, todas as maldições, tristezas e traições abatiam-se sobre ele, e, no entanto, ele continuava a amar e a louvar seu Deus. “Ele podia ter sido padre”, escreveria anos mais tarde um amigo de infância em um panfleto eleitoral, “se a vida tivesse sido mais bondosa com ele.”

Knob Creek Farm era um lugar duro para se viver no início do século XIX. Na primavera, as frequentes tempestades transbordavam o ribeirão e transfor-

## MENINO

mavam as plantações em campos de lama até a cintura. No inverno, todas as cores desapareciam da paisagem congelada e as árvores viravam dedos retorcidos que se chocavam, trêmulos, uns contra os outros ao vento. Seria dali que Abe guardaria muitas de suas primeiras lembranças: correr atrás da irmã mais velha, Sarah, através de acres de faias azuis e castanheiras; agarrar-se no dorso de um pônei para uma suave cavalgada de verão; rachar lenha com um machadinho ao lado do pai. Ali, também, ele experimentaria a primeira das muitas devastadoras perdas de sua vida.

Quando Abe tinha 3 anos, Nancy Lincoln deu à luz um menino batizado de Thomas, como o pai. Filhos homens eram uma dupla bênção para famílias da fronteira, e o pai sem dúvida ansiava pelo dia em que teria dois rapazes fortes para dividir o trabalho com ele. Mas esses sonhos durariam pouco. O bebê morreu com apenas três dias de vida. Abe escreveria sobre isso vinte anos depois, antes de ele mesmo vir a enterrar dois de seus próprios filhos:

Quanto ao meu próprio luto, não me lembro. Talvez eu fosse jovem demais para compreender o significado da irreversibilidade daquilo. Contudo, jamais esquecerei o tormento de minha mãe e de meu pai. Descrivê-lo seria um exercício de futilidade. Trata-se de um tipo de sofrimento ao qual as palavras não podem fazer justiça. Só posso dizer o seguinte: suspeito que seja uma angústia da qual uma pessoa nunca se recupera. Uma morte em vida.

É impossível saber o que matou Thomas Lincoln Júnior. As causas comuns variam da desidratação à pneumonia e à fragilidade no nascimento. Anomalias congênicas e cromossômicas estavam há mais de um século de serem conhecidas e diagnosticadas. Mesmo nas melhores condições, a mortalidade infantil era de 10% no início do século XIX.

O pai construiu um pequeno caixão e enterrou seu filho perto da cabana. Hoje não existe sinal algum de sepultura. Nancy se recompôs e se dedicou aos filhos que lhe restavam — especialmente a Abe. Ela encorajou sua curiosidade insaciável, seu amor inato por ouvir histórias, aprender nomes e fatos e recitá-los depois incansavelmente. Mesmo com as objeções do marido, ela passou a ensinar a Abe como ler e escrever antes que ele completasse 5 anos. “Meu pai não via

a utilidade dos livros”, ele se recordaria anos mais tarde, “senão para queimá-los quando a lenha estava molhada.” Embora não existam registros dos sentimentos dela, Nancy Lincoln deve ter sentido que seu filho era talentoso. Certamente estava decidida a vê-lo encaminhado para um futuro melhor do que ela própria e seu marido podiam oferecer.

A velha trilha do rio Cumberland atravessava Knob Creek Farm. Era uma espécie de estrada, a via principal entre Louisville e Nashville, e os tipos mais variados passavam diariamente por ali nas duas direções. O pequeno Abe, aos 5 anos, sentava-se na cerca por horas e horas, dando risada do tropeiro, que levava uma carroça de melação e sempre xingava suas mulas, ou acenando para o carteiro que passava a galope em seu cavalo. Eventualmente ele via escravos sendo levados para leilão.

Lembro-me de ter visto uma charrete passar, cheia de negros. Havia muitos. Todas mulheres, todas de idades variadas. Estavam (...) algemadas pelo pulso e agrilhoadas juntas no piso da charrete, apenas com um pouco de feno solto para amortecer os solavancos da estrada ou um cobertor para protegê-las do frio do inverno. Os condutores, naturalmente, sentavam-se nos bancos acolchoados da frente, todos cobertos de lã. Meus olhos cruzaram com os de uma menina negra, cuja idade regulava com a minha. Talvez uns 5 ou 6 anos. Admito que não fui capaz de olhar para ela mais do que um momento e depois virei os olhos — tamanha era a tristeza em seu semblante.

Como batista, Thomas Lincoln fora criado para acreditar que a escravidão era pecado. Esta seria uma das poucas contribuições definitivas que ele teria na formação do caráter de seu filho.

Knob Creek tornou-se um lugar onde viajantes cansados da velha trilha do rio Cumberland podiam passar a noite. Sarah fazia as camas para os hóspedes em uma das construções externas da propriedade (que consistia em uma cabana, um depósito e um celeiro), e Nancy servia uma refeição quente ao anoitecer. Os Lincoln nunca pediam pagamento aos hóspedes que passavam a noite, embora a maioria fizesse contribuições — em dinheiro ou, com mais

## MENINO

frequência, em bens, como grãos, açúcar e tabaco. Depois do jantar as mulheres se retiravam, e os homens ficavam bebendo uísque e fumando cachimbo. Abe ficava acordado em sua cama no andar de cima, ouvindo seu pai entreter os hóspedes com um estoque que parecia inesgotável de casos, histórias assustadoras dos primeiros colonos e da Guerra da Revolução, anedotas bem-humoradas e alegorias, bem como com histórias verídicas (ou parcialmente verídicas) de seus próprios tempos de andarilho.

Meu pai podia deixar a desejar em alguns aspectos, mas nisso ele era um mestre. Noite após noite, eu ficava maravilhado com seu poder de cativar a atenção embevecida dos ouvintes. Ele era capaz de contar uma história com tantos detalhes, tantos floreios, que ao final os homens seriam capazes de jurar que eram suas próprias lembranças, e não apenas uma história inventada. Eu (...) relutava em dormir até depois da meia-noite, tentando me lembrar de cada palavra e tentando encontrar um modo de contar a mesma história para meus jovens amigos de um jeito que eles pudessem entender.

Como seu pai, Abe possuía um dom natural para contar histórias e viria a dominar essa arte ao crescer. Recontava as histórias mais simples que saíam nos jornais de Louisville ou Nashville, bem como boatos ouvidos na estrada. “Era comum ouvir sobre o mesmo bêbado caindo na mesma vala três vezes por semana, em três vozes diferentes.” De vez em quando, no entanto, um viajante chegava trazendo histórias de outro tipo. Abe se lembra de como tremia embaixo das cobertas quando uma noite um imigrante francês descrevera a loucura de Paris na década de 1780.

As pessoas começaram a chamá-la de *la ville des morts*, disse o francês. *A Cidade dos Mortos*. Toda noite eram novos gritos, e a cada manhã, novos corpos pálidos, de olhos arregalados, nas ruas, ou vítimas inchadas sendo erguidas dos esgotos, que ficavam vermelhos de sangue. Eram restos humanos, homens, mulheres e crianças. Vítimas inocentes sem nenhum vínculo comum além da pobreza, e ninguém

na França tinha qualquer dúvida quanto à identidade dos assassinos. “Eram *les vampires!*”, disse ele. “Nós os vimos com nossos próprios olhos!” Os vampiros, contou-nos ele, haviam sido a “maldição silenciosa” de Paris durante séculos. Mas agora, com tanta fome e doenças (...), tantos pobres mendigando, amontoados nos cortiços (...) eles vinham ficando cada vez mais ousados. Cada vez mais famintos. “E, no entanto, Louis não fez nada! Ele e seus *aristocrates pompeux* não fizeram nada enquanto os vampiros se banquetavam de seus súditos famintos, até que um dia finalmente os súditos não toleraram mais.”

Naturalmente, a história do francês, como todas as histórias de vampiros, foi considerada absurda, um mito criado para assustar as crianças. Ainda assim, Abe achou-a infinitamente fascinante. Ele passava horas sonhando com suas próprias histórias de “imortais alados”, com suas “presas brancas manchadas de sangue, esperando nas trevas pela próxima alma sem sorte que passaria por seu caminho”. Ele se empolgava testando a eficácia dessas histórias com a irmã, que “se assustava mais facilmente do que um camundongo, mas as achava divertidas mesmo assim”.

Thomas, por outro lado, logo ralhava com Abe se o pegava contando histórias de vampiros. Essas histórias eram “bobagens de criança” e não tinham cabimento nas conversas educadas de adultos.

### III

Em 1816, outra disputa de terra pôs fim à estada dos Lincoln em Knob Creek. Propriedade era um conceito obscuro na fronteira, com múltiplas escrituras feitas para o mesmo terreno, e registros aparecendo e desaparecendo misteriosamente (dependendo do tamanho da propina). Em vez de enfrentar uma custosa disputa legal, Thomas desarraigou sua família pela segunda vez quando Abe tinha 7 anos, levando-os mais para oeste, através do rio Ohio até Indiana. Ali, aparentemente não tendo aprendido nada com as disputas de terra anteriores, Thomas simplesmente se ajeitou em um terreno de 160 acres em uma região

## MENINO

coberta por florestas conhecida como Little Pigeon Creek, próximo de onde hoje fica Gentryville. A decisão de deixar o Kentucky foi tanto prática quanto moral. Prática, pois havia muita terra barata depois que os índios foram expulsos após a Guerra de 1812. Moral porque Thomas era um abolicionista e Indiana era um território livre.

Comparada às propriedades de Sinking Springs e Knob Creek, o novo lar dos Lincoln era bastante selvagem — cercado pela “mata fechada”, onde ursos e lincos rondavam sem cercas ou medo dos homens. Os primeiros meses ali foram passados em um alpendre construído às pressas, grande o bastante para quatro pessoas e aberto às intempéries de um dos lados. O frio cortante daquele primeiro inverno em Indiana deve ter sido insuportável.

Little Pigeon Creek era um lugar afastado, mas nada ermo. Havia oito ou nove famílias a cerca de um quilômetro da casa dos Lincoln, muitas delas também oriundas do Kentucky. “Mais de uma dúzia de meninos da minha idade moravam a uma curta caminhada de casa. Nós (...) formamos uma milícia e promovemos uma campanha de travessuras que até hoje é comentada no sul de Indiana.” Mas a comunidade crescente era mais do que uma reserva de crianças impossíveis. Como era comum na fronteira, as famílias juntavam seus recursos e talentos para aumentar suas chances de sobrevivência, plantando e colhendo coletivamente, trocando bens e trabalho e oferecendo ajuda nos momentos de doença ou dificuldades. Considerado o melhor carpinteiro da região, Thomas raramente ficava sem trabalho. Uma de suas primeiras contribuições foi uma minúscula escola, que Abe frequentaria esporadicamente nos anos seguintes. Durante sua primeira campanha presidencial, ele escreveria uma breve biografia, na qual admitiu que todo o tempo que passara na escola “daria menos de um ano no total”. Mesmo assim, era óbvio, pelo menos para uma de suas primeiras professoras, Azel Waters Dorsey, que Abraham Lincoln era “uma criança excepcional”.

Depois do fatídico encontro com o peru, Abe anunciou que não caçaria nunca mais. Como castigo, Thomas colocou-o para rachar lenha — achando que o esforço físico pudesse forçá-lo a reconsiderar sua decisão. Embora Abe mal conseguisse erguer o machado acima da cintura, ele passava horas desajeitadamente rachando e empilhando pedaços de madeira.

Acabou que eu mal conseguia dizer onde terminava o machado e começava o meu braço. Depois de algum tempo,

### *Criança excepcional*

o cabo simplesmente escorregava entre meus dedos, e meus braços travavam ao lado do corpo como um par de cortinas. Se meu pai me visse descansando assim, ele vinha fazendo um escândalo, pegava o machado do chão, e em um minuto rachava uma dúzia de toras para me envergonhar e me fazer voltar ao trabalho. Eu continuei do mesmo jeito, no entanto, e a cada dia que passava, meus braços foram ficando um pouco mais fortes.

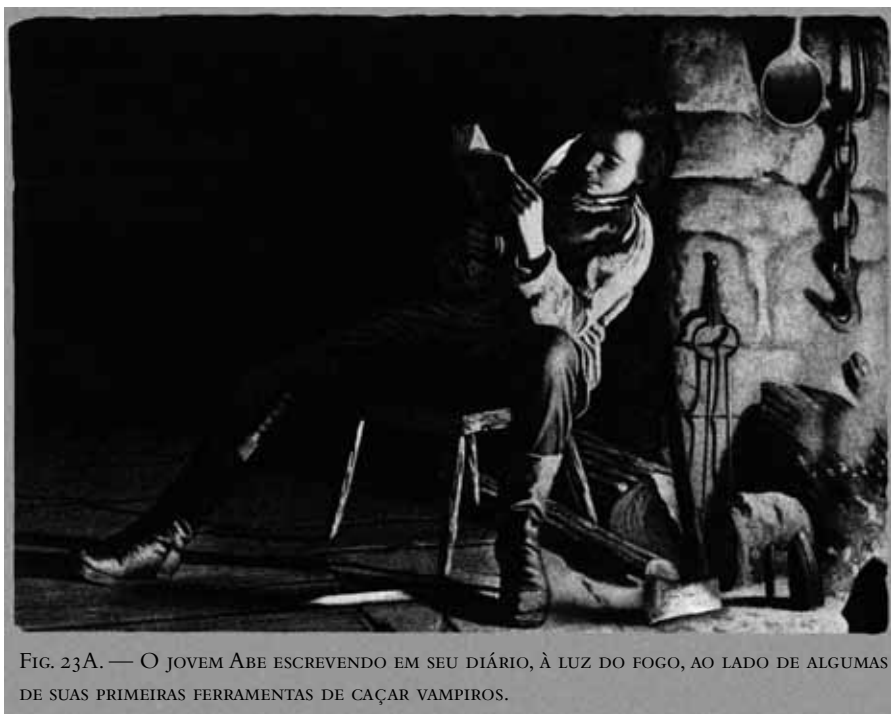


FIG. 23A. — O JOVEM ABE ESCRREVENDO EM SEU DIÁRIO, À LUZ DO FOGO, AO LADO DE ALGUMAS DE SUAS PRIMEIRAS FERRAMENTAS DE CAÇAR VAMPIROS.

Logo, Abe já conseguia rachar mais lenha em um minuto do que seu pai. Dois anos haviam se passado desde aqueles primeiros meses no alpendre. A família agora vivia em uma cabana pequena e resistente, com uma lareira de pedras, telhado e assoalho de madeira elevado do chão, o que fazia com que a casa ficasse aquecida e seca no inverno. Como sempre, Thomas trabalhava apenas o bastante para dar roupa e comida à família. A tia-avó e o tio-avó de Nancy, Tom e Elizabeth Sparrow, haviam vindo do Kentucky para morar em um dos cômodos externos da propriedade e para ajudar no trabalho. As coisas

## MENINO

iam bem. “Desde então aprendi a desconfiar da tranquilidade”, escreveu Abe em 1852, “porque é sempre, sempre o prelúdio de uma grande calamidade.”

Em uma noite de setembro de 1818, Abe acordou assustado. Sentou-se na cama e cobriu o rosto com as mãos, como se houvesse alguém em cima dele, ameaçando bater com um porrete em sua cabeça. Ninguém bateu. Percebendo que o perigo era imaginário, ele baixou as mãos, tomou fôlego e olhou ao redor. Todos estavam dormindo. A julgar pelas brasas na lareira, deviam ser 2 ou 3 horas da manhã.

Abe ousou sair de casa usando apenas seu pijama, apesar de o outono haver chegado mais cedo naquele ano. Caminhou até o vulto do banheiro externo, ainda meio sonolento, fechou a porta atrás de si e se sentou. Conforme seus olhos se acostumaram, o luar que atravessava as pranchas de madeira pareceu claro o bastante para ler. Sem ter um livro para passar o tempo, Abe passou as mãos pelos finos raios de luz, examinando os padrões que formavam em seus dedos.

Alguém estava conversando do lado de fora.

Abe prendeu a respiração conforme os passos de dois homens se aproximaram, depois pararam. *Devem estar em frente à cabana.* Um deles falou num sussurro irritado. Embora não conseguisse entender as palavras, Abe sabia que a voz não era de ninguém de Little Pigeon Creek. “O sotaque era inglês, e o tom, extremamente agudo.” O estranho falou alto por um momento, então parou, esperando uma resposta. Veio a resposta. Desta vez a voz era muito familiar. Era a voz de Thomas Lincoln.

Encostei o olho em um dos espaços entre as tábuas. Era de fato meu pai, e ele estava com alguém que eu nunca tinha visto antes. O estranho era um homem minúsculo, vestido com as roupas mais finas que eu já vira. Ele não tinha o braço direito abaixo do cotovelo — a manga ficava presa diretamente ao ombro. Meu pai, embora fosse claramente mais alto, parecia acovardado em sua companhia.

Abe esforçou-se para ouvir a conversa, mas estavam longe demais. Ele ficou observando, tentando ao máximo interpretar seus gestos, seus lábios, até que...



Meu pai, de repente preocupado em não nos acordar, pediu que seu companheiro se afastasse da cabana. Prendi a respiração conforme eles foram se aproximando, certo de que seria descoberto pelas batidas aceleradas de meu coração. Eles pararam a poucos metros de onde eu estava sentado. Foi assim que consegui entreouvir o final da discussão. “Eu não posso pagar”, disse meu pai. O estranho parou calado e desapontado.

Por fim, o estranho respondeu: “Então vou fazer você pagar de outra maneira.”

#### IV

Tom e Elizabeth Sparrow estavam morrendo. Durante três dias e noites inteiros, Nancy cuidou de sua tia-avó e de seu tio-avô com febres altíssimas, delírios e câibras tão fortes que fizeram Tom, de mais de 1,80 metro de altura, chorar como uma criança. Abe e Sarah ficaram grudados na mãe, ajudando-a a manter as compressas úmidas e os lençóis limpos, enquanto rezavam por uma recuperação milagrosa que todos sabiam, lá no fundo, que não viria. Os pais já tinham visto aquilo antes. Chamavam de “doença do leite”, um lento envenenamento por beber leite contaminado. Era intratável e fatal. Abe, que nunca antes vira alguém morrer, esperava que Deus o perdoasse por estar um pouco curioso para ver acontecer.

Ele não ousava confrontar seu pai sobre a cena que havia visto uma semana antes. Thomas tornara-se especialmente distante (e praticamente ausente) desde aquela noite e pareceu não querer tomar parte na vigília junto ao leito de Tom e Elizabeth.

Eles morreram praticamente juntos — ele primeiro; ela algumas horas depois. Abe ficou secretamente desapontado. De certa forma, ele esperava um último e desesperado suspiro de falta de ar, ou um monólogo comovente, como nos livros que agora ele lia sozinho à noite. Em vez disso, Tom e Elizabeth simplesmente entraram em coma, ficaram imóveis por horas seguidas, depois morreram. Thomas Lincoln, sem uma palavra de condolência à esposa, começou a construir um par de caixões com tábuas e alças de madeira na manhã seguinte. Os Sparrow já estavam debaixo da terra na hora do jantar.

## MENINO

Meu pai jamais gostara muito da tia e do tio, e eles não foram os primeiros parentes que ele enterrou. Mas eu nunca o havia visto tão calado. Ele parecia quase perdido em seus pensamentos. Inquieto.

Quatro dias depois, Nancy Lincoln começou a se sentir mal. A princípio, ela insistiu que não era nada, só uma dor de cabeça, sem dúvida pelo nervoso passado com a morte de Tom e Elizabeth. No entanto, Thomas mandou vir o médico mais próximo, que morava a quase 50 quilômetros dali. Quando o médico chegou, pouco antes do sol nascer no dia seguinte, Nancy delirava de febre.

Minha irmã e eu nos ajoelhamos ao lado dela, tremendo de medo e sono. Meu pai sentou-se numa cadeira enquanto o médico a examinava. Eu sabia que ela estava morrendo. Sabia que Deus estava me castigando. Castigando pela curiosidade sobre a morte da tia e do tio. Castigando por eu ter matado uma criatura que não me fizera mal algum. Eu era o único responsável. Quando o médico terminou, pediu para falar com meu pai sozinho lá fora. Quando eles voltaram, meu pai não conseguiu conter as lágrimas. Ninguém conseguiu.

Naquela noite, Abe sentou-se sozinho ao lado da mãe. Sarah havia adormecido junto ao fogo, e Thomas cochilava por um momento em sua cadeira. Nancy finalmente entrara em coma. Ela havia gritado por horas — primeiro no delírio, depois de dor. A certa altura, Thomas e o médico amarraram-na enquanto ela gritava que estava “olhando o diabo nos olhos”.

Abe tirou a compressa de sua testa e mergulhou-a na bacia de água no chão. Logo precisaria acender outra vela. A que estava ao lado da cama já começava a bruxulear. Quando ele retirou a compressa e a torceu, sentiu a mão da mãe agarrar seu pulso.

— Meu garotinho — sussurrou Nancy.

A transformação era total. Seu rosto estava calmo; sua voz, delicada e estranha. Havia algo como uma luz em seus

olhos outra vez. Meu coração pulou dentro do peito. Só podia ser o milagre pelo qual eu rezara tão fervorosamente. Ela olhou para mim e sorriu. “Meu garotinho”, sussurrou de novo. “Viva.” As lágrimas começaram a escorrer por meu rosto. Pensei se aquilo não seria só um sonho cruel. “Mãe?”, chamei. “Viva”, repetiu ela. Chorei. Deus havia me perdoado. Deus a devolvera para mim. Ela sorriu outra vez. Senti sua mão se soltar do meu pulso e fiquei observando seus olhos se fecharem. “Mamãe?” Mais uma vez, agora como pouco mais que um suspiro, ela repetiu: “Viva.” Ela nunca mais voltou a abrir os olhos.

Nancy Hanks Lincoln morreu no dia 5 de outubro de 1818, aos 34 anos. Thomas enterrou-a na colina atrás da cabana.

Abe estava sozinho no mundo.

Sua mãe era sua alma gêmea. Ela lhe dera amor e estímulo desde o dia em que ele nascera. Lera para ele todas aquelas noites, sempre segurando o livro com a mão esquerda e delicadamente passando o dedo por seu cabelo escuro com a direita até que ele adormecesse em seu colo. O rosto dela havia sido o primeiro a saudá-lo quando ele veio ao mundo. Ele não havia chorado ao nascer. Simplesmente olhara para ela e sorrira. Ela era o amor e a luz. E ela tinha ido embora. Abe chorou por ela.

Assim que ela foi enterrada, Abe resolveu fugir. A ideia de continuar em Little Pigeon Creek com sua irmã de 11 anos e seu pai amargurado pelo luto era mais do que ele poderia suportar. Menos de 36 horas depois de sua mãe ter morrido, Abe Lincoln, aos 9 anos de idade, enfiou-se pelo sertão de Indiana, levando todos os seus poucos haveres em um cobertor de lã. Seu plano era brilhantemente simples. Ele caminharia até o rio Ohio. Lá, pediria para tomar a barcaça e descer até o baixo Mississippi, depois chegaria a New Orleans, onde conseguiria se engajar em algum dos inúmeros navios do porto. Talvez conseguisse chegar a Nova York ou Boston. Talvez fosse à Europa, para ver as eternas catedrais e os castelos que povoavam sua imaginação.

## MENINO



FIG. 12-B. — O JOVEM ABE PARADO JUNTO À SEPULTURA DE SUA MÃE EM UMA ANTIGA GRAVURA DO INÍCIO DOS ANOS 1900, INTITULADA “UMA JURA DE VINGANÇA”.

Se houve uma falha em seu plano, foi a hora da partida. Abe decidiu sair à tarde, e quando estava a cerca de 6 quilômetros de casa, o dia curto de inverno já começara a escurecer. Cercado pela natureza selvagem, contando apenas com um cobertor de lã e um punhado de comida, Abe parou, encostou-se em uma árvore e começou a soluçar. Ele estava sozinho na escuridão e sentia saudades de um lugar que já não existia. Sentia saudades de sua mãe. Saudades de sentir o cabelo da irmã roçando em seu rosto enquanto ele chorava no ombro dela. Para sua surpresa, viu-se com saudades até mesmo do abraço do pai.

*Criança excepcional*

Ouvi um choro distante na noite — um choro comprido, animal, que ecoava ao meu redor. Na hora achei que deviam ser os ursos que nosso vizinho Reuben Grigsby vira perto do ribeirão havia menos de dois dias e me achei burro por sair de casa só com uma faca. Ouvi outro choro, depois mais outro. Pareciam se mover à minha volta, e quanto mais eu ouvia, ficava cada vez mais óbvio que não eram ursos, panteras ou qualquer outro animal que estava fazendo aquilo. Era um som diferente. Um som humano. De repente entendi o que eu estava ouvindo. Sem me importar de recolher minhas coisas, ergui-me num salto e corri para casa o mais rápido que meus pés conseguiam.

Eram gritos.